

*31 poetas
214 poemas*



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA MEIRELLES

Coordenadora Geral da Universidade

MARIA LUIZA MORETTI



Conselho Editorial

Presidente

EDWIGES MARIA MORATO

ALEXANDRE DA SILVA SIMÕES – CARLOS RAUL ETULAIN

CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO – DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN

IARA BELELI – IARA LIS SCHIAVINATTO – MARCO AURÉLIO CREMASCO

PEDRO CUNHA DE HOLANDA – SÁVIO MACHADO CAVALCANTE

31 *poetas*
214
poemas

Do Rigveda e Safo a Apollinaire



*Uma antologia pessoal de poemas
traduzidos, com notas e comentários*

Décio Pignatari

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIVISÃO DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

P626t Pignatari, Décio
31 poetas 214 poemas: do Rígvæda e Safo a Apollinaire / Décio
Pignatari. 2ª ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

1. Poesia – Coletânea. I. Título.

ISBN 978-85-268-0769-3

CDD 808.81

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia – Coletânea 808.81

Copyright © by herdeiros de Décio Pignatari
Copyright © 2007 by Editora da Unicamp

1ª edição, 1996 – Editora Schwarcz Ltda.

2ª reimpressão, 2022

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas
neste livro são de responsabilidade do autor e não
necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Impresso no Brasil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados a

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

*Para embrulhar atuns não faltem capas,
Não fiquem sem cartuchos as azeitonas,
E nem padeça a traça a fome vil.
Vá, papiro do Egito, é o que possuo:
O inverno ébrio quer novas piadas.
Eu jogo dados de papel, não dardos,
E tanto faz um crepe como um seis.
Lanço cubos de um copo-pergaminho:
Lucros nem perdas não me traz o acaso.*

MARCIAL, XIII, 1

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
<i>Hinos do Rigveda</i> (SÉCULO XVI a.C.)	11
<i>Poetas-Santos De Xiva</i> (SÉCULOS X-XII)	17
<i>Alama</i>	19
<i>Dasimaia</i>	20
<i>Basavana</i> (1106-67)	23
<i>Madeviaca</i>	33
<i>Safô</i> (SÉCULOS VII-VI a.C.)	43
<i>Alceu</i> (SÉCULOS VII-VI a.C.)	49
<i>Íbico</i> (SÉCULO VI a.C.)	53
<i>Praxila</i> (SÉCULO V a.C.)	57
<i>Catulo</i> (82-52 a.C.)	61
<i>Horácio</i> (65-8 a.C.)	73
<i>D. P. lembra Gonzaga</i> (1744-1810)	97
<i>Juvenal</i> (60-140)	101
<i>Marcial</i> (40-104)	111
<i>Propércio</i> (47-15 a.C.)	145

<i>Poetas Da Dinastia Tang</i> (618-906)	153
<i>Li Po (Li Tai-Po)</i> (701-62)	155
<i>Tu Fu</i> (712-70)	158
<i>Kin Tchang-Siu</i>	160
<i>Anônimo</i>	161
<i>Li Kiu-Ling</i>	162
<i>Liu Yu-Si</i>	163
<i>Po Chu-I</i> (772-846)	164
<i>D. P.</i> (SÉCULO XX)	165
<i>A Li Po</i>	167
<i>Issa</i> (1763-1827)	169
<i>Os Trovadores</i> (SÉCULOS XII-XIV)	179
<i>Vidal</i> (SÉCULOS XII-XIII)	181
<i>Vogelweide</i> (1170-1230)	186
<i>Burns</i> (1759-96)	189
<i>Byron</i> (1788-1824)	193
<i>Leopardi</i> (1798-1837)	213
<i>Heine</i> (1797-1856)	217
<i>Browning</i> (1812-89)	227
<i>Rimbaud</i> (1854-91)	231
<i>Apollinaire</i> (1880-1918)	235
BIOGRAFEMAS e COMENTÁRIOS	245

APRESENTAÇÃO

Uma antologia pessoal de poemas inéditos traduzidos pelo próprio tradutor-organizador envolve um teor aleatório e subjetivo acima do normal. Neste meu trabalho, só há um critério e meio; este fica por conta da opção diacrônica, historicamente linear; aquele, por preferências muito antigas, menos antigas e recentes. Navego, como tantos outros, rumo à estrela Vega da poesia, entre vidente e cego, ao longo de 3.500 anos, por terras e mares muito dantes navegados, embora, em certos casos, pouco, ou nada, no Brasil (é o caso dos poetas-santos de Xiva, da surpreendente e extraordinária Madeviaca, em especial). Não é o caso de comentar cada autor, mas comentários se impõem, breves ou longos, em certos casos. De Safo a Apollinaire, rola a roleta poética quase infinita: aposto apenas em alguns números e cores. É uma roleta retrospectiva que pára no limiar do moderno, ou nos seus erráticos e turbulentos inícios, uma roda da sorte em que se confia na absurda possibilidade coerente da palheta da escolha, palheta multilíngüe, que vai desde línguas que domino razoavelmente até aquelas que desconheço totalmente e que acesso através das primeiras. O que aqui não se diz busca-se dizer, sob forma de esclarecimento ao leitor, nas notas, nos comentários e biografemas da parte final, pós-poética.

Cronologicamente, mas não muito: dois momentos da Índia antecederam Safo, dois momentos separados por 2.700

anos — alguns hinos do Rigveda, do século XVI a.C., alguns poemas dos chamados poetas-santos seguidores de Xiva, do século XII d.C., quase contemporâneos dos trovadores provençais e de São Francisco de Assis. Então, sim, a ordem cronológica, englobando Oriente (China e Japão) e Ocidente, a partir da lendária lesbiana e lesbica. Mas também seu contemporâneo e contemporâneo Alceu, junto com a irreverente Praxila, cujo espólio poético é ainda menor, e Íbico, um dos primeiros poetas assassinados da história literária ocidental.

O naípe latino vai da finura de Horácio, minha paixão de 30 anos, à grossura de Marcial, o maior pornógrafo da literatura clássica, que o leitor de língua portuguesa vai poder apreciar, espero, em toda a sua cruzeza; entre uma e outra, a precisão apaixonada de um precursor, Catulo. Juvenal e Propércio completam a *full-hand* desse pôquer pornolírico.

Segue-se um interregno sino-japonês: Li-Po, Tu-Fu, Issa, aos quais dedico considerações um tanto mais longas, ao final do volume, tal o impacto que essa viagem me provocou, proporcional à minha ignorância das línguas envolvidas.

Pelo túnel do tempo, retorno ao Ocidente, na Idade Média, e vou visitando poemas isolados de poetas vários, distribuídos entre espaços maiores reservados a três poetas lírico-irônicos e irônico-políticos: Byron e o cinismo antiromântico do seu *Don Juan*; Heine, com suas canções igualmente cínicas, um pouco mais desencantadas, mas de modo mais preciso e conciso; Apollinaire, o primeiro romântico do século XX, com seu pornolirismo.

E assim, lirismo, erotismo, política, crença e natureza permeiam esta seleção, na esperança de dar-lhe alguma coerência que, se houver, só pode advir da poesia.

Hinos do Rigveda

(SÉCULO XVI a.C.)

VAK, A PALAVRA

Possuo a poção sagrada
comando a força de criar nutrir dar
fortaleço quem está pronto a sacrifícios
o vigilante o generoso o que serve

Sou a soberana convoco fartura
sábia ciente suprema no culto
As forças divinas me distinguem em toda parte
Tenho muitas casas ingresso em muitas formas

Meu poder: o homem de discernimento pode comer
e quem quer que respire ou ouça a palavra dita
Sem saber todos habitam em mim
Em verdade, falo: ouça, ó sagrada tradição.

MENTE E ESPÍRITO

Nossas idéias vagabundas
vão pelos muitos caminhos do homem:
 o mecânico pensa em acidentes
 o médico em aleijados
 o sacerdote em doações

A bem do espírito, ó Mente,
deixe de idéias ociosas

Sou cantora, meu pai é médico,
minha mãe mói o grão na mó.
Só pensamos numa boa grana
e mourejamos como escravos.

A bem do espírito, ó Mente,
deixe de idéias ociosas.

O cavalo prefere a carroça ligeira
O animador uma boa risada
O pênis busca a greta peluda
A rã uma lagoa calma:

A bem do espírito, ó Mente,
deixe de idéias ociosas.

Poetas-Santos de Xiva

(SÉCULOS X-XII)

Alama

Acalanto do céu
O vento dorme

O infinito dá de mamar
O espaço cochila

O céu silencia
A cantiga se acaba

O Senhor é
como se não fosse.

Dasimaia

I.

A esse mistério
(que traz a si mesmo dentro)

Indiferente a diferenças

Rezo, Senhor.